

MARIA IRENE RAMALHO  
DE SOUSA SANTOS

Faculdade Letras da Universidade  
de Coimbra e Centro de Estudos Sociais

## Poetas do Atlântico: as Descobertas como Metáfora e Ideologia em Whitman, Crane e Pessoa\*

113

*Nos finais do século XIX, alguns pensadores políticos defendiam no Ocidente a ideia de uma comunidade do Atlântico, como a única forma de preservar a supremacia europeia branca num mundo cada vez mais perturbado pela inevitabilidade da descolonização e pelo aparecimento, nos continentes asiático e africano, de novas nações ameaçadoramente diferentes. Muito antes disso, Whitman celebrara, na sua "grande ideia" da América, a utopia exaltada da passagem para "mais do que a Índia". Que a metáfora de Whitman é tão política quanto poética, entende-se melhor a partir do uso que os modernistas Crane e Pessoa dela viriam a fazer. Na Mensagem, que parece ser apenas uma elegia pela perda do império ultramarino português, Pessoa, inspirado pelo "alto espírito atlân-*

*tico" de Walt Whitman, profetiza afinal uma renovada hegemonia mundial nas superiores realizações da tradição poética ocidental. Em The Bridge, é propósito da mítica "síntese" da América concebida por Crane realizar a "re-descoberta" da América, tal como Waldo Frank a tinha formulado, assim confluindo à nova nação e à nova potência a missão de preservar os valores "universais" da cultura ocidental. O modo como ambos os poetas invocam o mito da Atlântida—Pessoa contemplando a utopia do fim do velho império, Crane olhando-a do início do poderio do novo mundo—convida-nos também a perguntar pela relação entre as visões dos dois poetas e o conceito político de atlantismo em gestação durante as primeiras décadas deste século.*

*After the seas are all  
cross'd . . .  
Finally shall come the  
poet worthy that  
name . . .*

Walt Whitman,  
"Passage to India"

**E**STAMOS a pouco mais de um ano do centenário da última edição de *The Leaves of Grass*, a chamada "death-bed edition" de 1891-92. Na comemoração da efeméride não deixará por certo de ter lugar uma vez mais o estudo da influência continuada de Walt Whitman em sucessivas gerações de poetas nos vários continentes. Na poesia portuguesa sobressai Fernando Pessoa, que na sua conhecida "Saudação a Whitman" (assinada por Álvaro de Campos) deixou bem explícito um débito importante, cuja complexidade vai

### 1. Introdução

\* Este artigo, que se integra num projecto mais vasto sobre a ideologia do modernismo poético, é uma versão revista de Santos, 1989.

sendo gradualmente entendida.<sup>(1)</sup> Na poesia americana a presença de Whitman é antes uma permanência. "Whitman é para a minha pátria o mesmo que Dante é para a Itália", exclamava Pound no começo da sua carreira; e na mesma altura dizia ainda, "Ele é nojento (...), mas cumpre a sua missão (...) [Whitman] é a América" (Pound 1973: 115-116).<sup>(2)</sup>

O perturbador juízo poundiano aparece num manuscrito datado de 1909, como que antecipadamente a negar, por assim dizer a contragosto, o papel de Eliot (e, até certo ponto, do próprio Pound) na construção "new-critic" de uma tradição poética anglo-saxônica moderna, que pareceria mal querer deixar espaço para a obra de Whitman. Pura veleidade, evidentemente, porém com algumas consequências na canonição poética do modernismo anglo-americano, como eloquentemente demonstrava William Carlos Williams em 1955, por ocasião do primeiro centenário da publicação da primeira edição de *Leaves of Grass*.<sup>(3)</sup> Mas no modernismo americano talvez nenhum poeta tenha entendido tão lucidamente a relevância incontornável de Whitman na construção da cultura dos Estados Unidos como Hart Crane em *The Bridge* (1930). É decerto por isso mesmo que essa sua grande "epopeia da consciência moderna" (Crane, 1965:308) vem a ter uma recepção relativamente desfavorável por parte de alguns dos críticos mais influentes do tempo, esses mesmos que, no autor dos poemas de *White Buildings* (1926), tinham aclamado uma das vozes mais originais e interessantes da cena poética americana contemporânea. O que perturbou esses poetas e críticos ("new-critic"), como Allen Tate, por exemplo, ou Yvor Winters, foi justamente o reconhecimento desassombrado de Crane, enquanto poeta americano *moderno* em *The Bridge*, da sua dívida para com Whitman. Ora, se Eduardo Lourenço demonstrou há muito já que a modernidade radical da heteronímia pessoana muito deve ao encontro do poeta português com o bardo americano (Lourenço, 1973), talvez não seja surpreendente verificar que essa influência se faz também sentir no único livro de poesia (em português) publicado ainda em vida pelo próprio Pessoa.<sup>(4)</sup> As espan-

(1) Vários especialistas se têm ocupado deste assunto, mas são indiscutivelmente de Eduardo Lourenço (1973, 1977, 1978) os trabalhos mais estimulantes sobre a relação poética entre Pessoa e Whitman.

(2) Ezra Pound, "What I Feel about Walt Whitman" (1909). Publicado pela primeira vez por Herbert Bergman em *American Literature* 27 (1955), 59-61. Incluído também em Pearce 1962: 8-10.

(3) William Carlos Williams, "An Essay on Leaves of Grass". Publicado pela primeira vez em *Leaves of Grass One Hundred Years After*. Ed. Milton Hindus. Stanford, CA, Stanford University Press, 1955, pp. 22-31. Rpt. Pearce 1962: 146-154.

(4) Um primeiro estudo dessa influência aparece em Santos, 1988b.

tosas semelhanças de concepção e realização que ligam *A ponte de Crane* à *Mensagem* de Pessoa devem-se sem dúvida em larga medida a esta fonte de inspiração comum.

Neste trabalho vou ocupar-me sobretudo da influência em Pessoa e Crane do uso que Whitman faz da metáfora das descobertas, mas a minha tese principal é que *a ideia de que o Ocidente é o centro do mundo* é a herança comum destes três poetas. Por outras palavras, pretendo estudar aqui a relação entre a imaginação e os ideais destes três poetas, por um lado, e, por outro, a ideologia da centralidade e supremacia do Ocidente até à Segunda Grande Guerra.

Entre os vários apontamentos que Pessoa escreveu sobre Portugal, ou, como ele diz, sobre “o Problema Nacional [ou Império]”, existe um projecto de capítulo sobre aquilo que o poeta modernista português designa por “Atlantismo”. É nestes apontamentos soltos, onde o conceito de atlantismo aparece associado às noções de império e de imperialismo e aos mitos do Sebastianismo e do Quinto Império, que primeiro encontramos um esboço da visão pessoana da utopia nacional de vocação universalizante, a que a *Mensagem* virá a dar mais tarde magnífica forma estética. Se bem que o conceito não chegue a ser definido com um mínimo de rigor, a verdade é que as associações que Pessoa faz à sua volta indicam uma reapreciação dos valores ocidentais e da missão civilizadora do Ocidente, bem como uma redefinição do papel a desempenhar por Portugal nesse contexto. Por razões que têm a ver, de forma complexa e ambígua, com as descobertas e com a glória passada e a decadência actual do seu antigo império colonial, Portugal é aqui apresentado por Pessoa como a nação cujo destino manifesto é a recondução, no século XX, da missão civilizadora do Ocidente. Vale a pena citar aqui na íntegra o fragmento em que Pessoa registou um dia títulos possíveis para as diferentes secções do seu projectado “Manifesto” (Pessoa 1978:224):

*O Atlantismo*

*Titulos de secções do Manifesto*

Hegemonia Ibérica.

A concepção atlântica da vida.

O imperialismo espiritual.

Germanofilia da alma, anglofilia de corpo.

(Admiremos os construtivos, os criadores, ainda que seja de cousas inferiores; não os punhamos ao nível dos meros arrastadores da vida pelo acaso dos acasos!)

## 2. O Atlântico e a ideia do Ocidente

Inutilidade e malefício das nossas colónias.

Sebastianismo.

Expansão atlântica — Ibéria, Irlanda, Ultramar americano  
(Esta concepção presente já, por uma intuição nocturna, no alto espírito atlântico do Walt Whitman.)

Atlantismo da Raça.

(Foi pelo Atlântico que fomos à procura da glória, à criação da Civilização Maior. É pelo Atlântico, mas em alma e espiritualização, que devemos ir em demanda da Civilização máxima!)

Absorção artística.

Misticismo.

Roma, Londres, Paris — os inimigos.

Anti-catolicismo, anti-cristianismo.

Repaganização — paganismo transcendental.

Anti-democratismo, individualismo aristocrático.

[Somos contra Roma, porque Roma veio destruir no paganismo a visão lúcida da vida. Somos contra a Inglaterra, porque Inglaterra veio destruir, (...). Somos contra a França, porque a França veio, com o seu democratismo e o seu liberalismo plebeu, destruir os restos de paganismo que havia entre nós.]

Sensacionismo (e Interseccionismo).

Verificamos que o que aqui prende a imaginação de Pessoa são questões de hegemonia e de supremacia nacional, cultural e racial, se bem que o poder seja concebido apenas em termos intelectuais e estéticos. O Oceano Atlântico parece ser o centro definidor das nações que, guiadas por Portugal, irão dar forma ao futuro: a Península Ibérica, a Irlanda, as Américas. Enquanto forças estruturantes do mundo moderno, são postos de lado o Cristianismo (Roma), o colonialismo (Londres) e a democracia liberal positivista (Paris). O papel a desempenhar por países poderosos é considerado insignificante, ao mesmo tempo que da parte de países geralmente considerados menos importantes se espera uma acção cada vez mais influente na construção do futuro desejado. Valores inquestionados parecem ser "a concepção atlântica da vida" e "o atlantismo da raça", e, se nem um nem outro aparecem devidamente explicitados, ambos estão claramente associados ao "alto espírito atlântico do Walt Whitman". Como valores sobressaem ainda: a recriação imaginativa das descobertas; os mitos messiânicos do Sebastianismo e do Quinto Império; o paganismo e o misticismo (talvez aquilo a que Caeiro chamava "misticismo do corpo"); o elitismo aristocrático; a criatividade; a arte e a poesia. Em outros fragmentos relacionados com este — em que, do mesmo modo, indiscriminadamente se associam a política e o poder, a geografia e a hegemonia, a influência e a profecia, a expansão elitista e

o domínio cultural, a raça e a nação, a religião e o mito, a arte e a poesia — torna-se mais claro ainda que Pessoa buscava os termos adequados a uma reflexão sobre aquilo a que ora chama “imperialismo espiritual”, ora “imperialismo cultural”, ora “um imperialismo de poetas”.

Este conceito, “um imperialismo de poetas”, discuti-o já em trabalho anterior, num primeiro estudo comparado da poética modernista de Pessoa e Crane (Santos, 1987). Em meu entender, tanto a *Mensagem* como *The Bridge* reivindicam para a poesia e a arte o poder de *cumprir o Ocidente*, entendido este como o ideal supremo de harmonia e compreensão universais, que jamais qualquer projecto político, religioso ou militar conseguiu levar a cabo, antes foi tantas vezes responsável pela mais violenta aniquilação ou pela opressão mais cruel. É minha intenção investigar agora este ideal poético, por um lado, como uma herança romântica de Whitman, por outro, como um aspecto importante do desenvolvimento da economia mundial e do avanço do capitalismo no virar do século, e ainda como uma consequência da ideologia do imperialismo ocidental, em particular do imperialismo inglês do século XIX. Por outras palavras, tanto “a alma atlântica” de Pessoa como a “Atlântida” de Crane são metáforas whitmanianas da poesia; porém, ao mesmo tempo que retiram da saga marítima dos descobrimentos a inspiração primeira para as suas utopias poéticas, ambos os poetas modernistas (como já Whitman antes deles) se encontram firmemente enraizados num determinado momento histórico e ideológico — esse a que Eric Hobsbawm chamou “a era do império” —, o qual no meado do século XX haveria de inspirar ainda um outro conceito atlântico, de importância política bem mais evidente. Refiro-me ao conceito de “atlantismo”.

Por “atlantismo” entende-se a ideia de que cabe às nações desenvolvidas do Atlântico congregar todos os esforços para manter o equilíbrio económico, político e militar do mundo, ao mesmo tempo que detêm elas próprias os únicos critérios desse equilíbrio. O atlantismo contempla, pois, a criação de uma comunidade atlântica para preservar a supremacia da Europa branca num mundo cada vez mais perturbado pela descolonização e pelo surgimento de nações ameaçadoramente *diferentes* nos continentes africano e asiático. O que é interessante é que, em qualquer dos casos, seja na imaginação poética ou no pensamento político, o Oceano Atlântico funciona retoricamente como símbolo do Ocidente, encerrando ao mesmo tempo a imagem de harmonia e totalidade universais, que as descobertas e a ideologia da expansão

ocidentais primeiro tinham traçado. Sugiuro, assim, que há uma homologia entre a vontade política de hegemonia ocidental, que encerra um conceito como o atlantismo, e as metáforas das viagens de descoberta dos poetas de que aqui me ocupo. E se a "Atlântida" de Crane e "a alma atlântica" de Pessoa são, antes de mais nada, metáforas da poesia, nesse caso, a concepção de poesia que lhes subjaz não pode ser senão esse absoluto poético que é a Poesia, com P grande, esse conceito abstracto e idealizante de uma "ficção suprema",<sup>(5)</sup> que na concepção de si próprio suspende a história e supera toda a diferença, acabando desse modo por tacitamente legitimar a dominação cultural.

A noção de imperialismo tal qual a entendemos hoje — ou seja, a divisão do mundo em países "fortes" e "fracos", "ricos" e "pobres", "desenvolvidos" e "subdesenvolvidos", bem como a relação de dependência política e económica entre nações de desigual poder de negociação no sistema mundial — começou a desenvolver-se sobretudo em língua inglesa a partir de 1870, embora não necessariamente com qualquer sentido pejorativo<sup>(6)</sup>. Enquanto fenómeno político e económico relacionado com o desenvolvimento do capitalismo moderno, o imperialismo tem antecedentes nos descobrimentos europeus dos séculos XV e XVI e consolida-se na subsequente missão civilizadora e cristianizadora, que não deixou nunca de ter como pressuposto a superioridade cultural e racial do Ocidente. Da Renascença em diante, quase ia dizer até mesmo aos nossos dias, a literatura (e a literatura de viagens em particular) contribuiu para a formação no imaginário ocidental de uma concepção imperialista do mundo, ou seja, a ideia de que a inevitável relação de poder que existe entre os países "avançados" e os países "atrasados", ou, como hoje diríamos, entre os países do "centro" e os países da "periferia", é vantajosa para as duas partes em causa, mas a perspectiva é, evidentemente, sempre a do centro. De 1850 em diante, a poesia de Whitman desempenha, em meu entender, um papel crucial na criação da retórica moderna desta ideologia. Penso, por outro lado, que o uso que Pessoa e Crane fazem da retórica whitmaniana nos ajuda a ver como esta ideologia subjaz largamente à poética do modernismo.

<sup>(5)</sup> A formulação é de Wallace Stevens em "Notes Toward a Supreme Fiction" (1942), um dos poemas mais importantes para o estudo deste aspecto do modernismo anglo-americano (Stevens, 1968: 308-408).

<sup>(6)</sup> Eric Hobsbawm (1987: 60) lembra-nos que, ao contrário do que acontecia em 1874, não há no nosso século muitos políticos que tenham orgulho em considerar-se imperialistas.

Não é minha intenção denegrir os ideais generosos de Whitman, a sua ousada visão da democracia no mundo, a sua fé sempre renovada na possibilidade do amor e da paz universais, o seu hino exaltado à igualdade e solidariedade humanas. Enquanto projecto imaginativo de uma utopia social global, *Leaves of Grass* continua hoje a ser um livro inspirador, se não mesmo revolucionário. Pretendo tão-só sugerir que ao ideal democrático do bardo da América subjaz afinal aquilo a que, em "The American Scholar", Emerson chamou "a conversão do mundo" — uma expressão em que reverbera ainda a ideia das descobertas e da missão civilizadora do Ocidente (Emerson, 1960:80). Esse ensaio de Emerson alguém apelidou, com razão, de "Declaração da Independência intelectual" da América (Rusk 1967:263)(<sup>7</sup>). Mas vejamos como os espíritos mais esclarecidos de uma nação em expansão, como eram os Estados Unidos no meado do século XIX, concebiam a independência como exactamente o contrário da dependência.<sup>(8)</sup> Na sua concepção, é prerrogativa dos povos independentes, não só não serem influenciados ou dominados por outros, mas antes influenciar e dominar outros. Independência significa centralidade e ponto de vista, significa estar no centro e ter razão, pairar no alto e ter o privilégio da perspectiva que garante o saber da persuasão que é o poder da dominação. É essa a postura do sujeito no poema de Whitman, "Salut au monde", um olhar de cima, onisciente e poderoso, que bem poderia ter inspirado a Jerry Siegel a criação desse tão americano viajante (e tão arrogantemente independente) que é o Super-Homem.

"Salut au monde" (Whitman, 1973:137 s.) foi incluído logo na segunda edição de *Leaves of Grass* com o título "Poem of Salutation" (1856). Na opinião de alguns críticos, o poeta pretenderia com este poema contrabalançar um pouco o egotismo extremo e o nacionalismo exacerbado expressos na edição, e em particular no Prefácio, de 1855.<sup>(9)</sup> Mas talvez a análise do poema nos revele uma descoincidência interessante entre a nobre intenção autoral e a mensagem última do poema. As treze secções em que se estrutura "Salut au monde" exprimem uma contemplação deslumbrada da variedade infinita do mundo habitado, traduzido este no globo de perfeição que é a esfera terrestre, ou, como diz o poeta, numa "vasta maravilha redonda rolando no espaço". À medida que

### 3. O espírito atlântico de Whitman e a ideia de uma comunidade do Atlântico

(<sup>7</sup>) A definição, aliás muito citada, é de Oliver Wendell Holmes.

(<sup>8</sup>) Pergunto-me se a este respeito as concepções e as práticas políticas mudaram muito até aos nossos dias.

(<sup>9</sup>) Veja-se a nota do responsável pela edição em Whitman 1973: 137.

os versos iniciais vão desenhando a cena e definindo o tom do poema ("Walt Whitman" recriado como uma persona por um extático "eu" lírico whitmaniano), o efeito poético é como um desdobramento da subjectividade que acaba por absorver inteiramente o seu objecto. "Pega na minha mão, Walt Whitman", começa o poema, e logo no quarto verso, "Que se abre dentro de ti, Walt Whitman?" Sublinho *dentro de ti*, uma ideia central que vai repetir-se quatro vezes na segunda secção:

*Dentro de mim* abre-se a latitude...  
*Dentro de mim* é o dia mais longo...  
 ...*dentro de mim* o sol da meia-noite...  
*Dentro de mim* zonas, mares, cataratas...

As orgias anafóricas da vista e do ouvido que vêm a seguir ("I see", "I hear"), atingindo o seu clímax na asserção solitária de identidade na oitava secção ("I am", "I belong"), desenrolam-se, pois, inteiramente dentro da imaginação do poeta, em perfeita coincidência, Emerson diria, do eixo da visão com o eixo das coisas (Emerson, 1960:55). E tal como no ensaio *Nature* de Emerson, também em Whitman a mente do poeta é o centro e a medida de toda a realidade, de tal forma que a sua ampla e generosa saudação é antes a sua projecção complacente, e a da própria América, sobre todas as outras terras, nações e povos. "Saúde para vós! boa vontade para todos vós, por mim enviados e pela América!" A suspeita de que esta saudação ao mundo não é senão o reverso da "conversão do mundo" desejada por Emerson acentua-se nas duas últimas secções do poema, onde o poeta exprime a esperança de que a suposta inferioridade natural ou racial de certos povos será, "a seu tempo", superada. Estar "pronto" para o bardo da América é ter sido "penetrado" (e a metáfora fálica é de Whitman) pela "relação divina" de uma imaginação que tudo abarca, ou antes, de uma imaginação que tudo gera.<sup>(10)</sup> O processo que este poema de Whitman descreve — ou seja, o viajar poético entendido como a criação condescendente do tempo e do espaço — é aquilo a que Pessoa chama, em tom mais do que aprovador, "a essência do imperialismo": "Porque a essência do grande imperialismo é o converter os outros em nossa substância, o converter os outros em nós mesmos" (Pessoa, 1978:237). "Mando-vos os meus poemas", exclama Whitman num outro poema também endereçado "To Foreign Lands" (Whitman, 1973:3), "para que neles contempleis o que desejastes". Ao mesmo tempo que o poeta imagina o desejo do outro, ou o que lhe falta (*want*

<sup>(10)</sup> É a imaginação espermática, de que fala Harold Aspiz (1984: 379-395).

significa *querer* no sentido exacto de *ter falta de*), o seu ponto de vista traduz-se em identidade perfeita.

Pode bem ser possível — como de forma tão bela, mas porventura demasiado insistente, reclama a poesia de Stevens — *descobrir sem impor* (Stevens, 1968:403);<sup>(1)</sup> porém, a história ocidental dos descobrimentos encerra uma verdade bem diferente, ainda que os nossos poetas do Atlântico tenham frequentemente usado a metáfora das descobertas para significar a própria liberdade da criatividade poética. É este o caso de "Passage to India" (Whitman, 1973:411-421), um poema onde a viagem da descoberta é a metáfora mais adequada para a reinvenção do imaginar mais ousado do sujeito. A centralidade da imaginação subjectiva neste poema é característica da tradição romântica, que é a herança principal dos poetas de que trato aqui. "Song of Myself" (Whitman, 1973:28-89) é porventura o mais notável dos exemplos, mas na obra de Whitman no seu todo, em virtude dos sentidos simultaneamente nacionalistas e universalizantes associados ao mitologema "Walt Whitman, Bardo da América", o processo desta identificação da poesia com a mente do poeta resulta nessa "ficção suprema", nessa "ficção de um absoluto"<sup>(2)</sup>, que é "a grande ideia" da América.<sup>(3)</sup> Ou seja, a *América é a mensagem do poeta*. Em "Passage to India" Whitman reimagina o sonho de Colombo como o sonho do mundo realizado, mas essa realização não é senão a constituição de "estes Estados" no Novo Mundo: "(Ah! Genovês o teu sonho!/Tu há séculos deposto no teu túmulo,/As margens a que aportaste certificando o teu sonho!)". Ao cantar a rede de relações, a fusão de terras e a união de povos, o poema anuncia a totalidade utópica de harmonia universal, que a própria nação americana melhor representa na poesia de Whitman no seu todo: "(...) tu América nascida,/com vastos propósitos (...)/ /Tu redondez da terra por fim cumprida". É por isso que, em "Passage to India", depois de cruzados todos os mares, se anuncia o poeta verdadeiramente "digno desse nome", o poeta da democracia americana, esse que, "tudo resumindo", é idêntico à plenitude redonda do mundo.

Esta postura de autoprojecção autoral e absorção artística do "outro" é, afinal, o que Pessoa entende por "imperialismo espiritual". Lembremos uma vez mais a sua referência a

(1) A alusão aqui é, uma vez mais, a "Notes Toward a Supreme Fiction" III.vii: "(...) to discover summer and know it (...) to find./ Not to impose (...) /It is possible, possible, possible. It must/Be possible (...)".

(2) Idem: "To find the real,/To be stripped of every fiction except one,/The fiction of an absolute (...)".

(3) Este tema tratei-o já noutro lugar (Santos, 1988a).

Whitman nos apontamentos sobre o atlantismo: "Expansão atlântica [uma] concepção, presente já, por uma intuição nocturna, no alto espírito atlântico do Walt Whitman" (Pessoa, 1978:224). Trata-se uma postura vática que reivindica um papel extraordinariamente ambicioso para a poesia e para a linguagem, como quando Crane diz de "Atlantis" [o poema] "it IS the real Atlantis" (Crane 1965:268). Só afivelando por sua vez a máscara de um Colombo whitmaniano poderia Crane ter feito esta "descoberta", numa nova travessia do Atlântico que é agora, como Pessoa também queria, uma "conquista do espaço e do conhecimento" (Crane 1965:24)<sup>(14)</sup>. A viagem conduz ao poema, e o poema ocupa o lugar do Império Ocidental como a última utopia imaginável. Também Pessoa evoca Whitman e a sua "passagem para mais do que a Índia" ao propor uma nova travessia do Atlântico, mas agora "em alma e espiritualização", "em demanda da Civilização máxima!" (Pessoa, 1978:224).

Para melhor entender esta ênfase no Oceano Atlântico como fonte de inspiração, bem como a visão imperial da poesia que preside à imaginação destes poetas, necessário se torna ponderar o fervilhar de ideias políticas, económicas e culturais no final do século XIX e durante as primeiras décadas do século XX. Ao fim e ao cabo, a "passagem para mais do que a Índia", de Whitman, pode também ser entendida como sendo, literalmente, "para mais do que a Índia" — no sentido em que nas projecções imperiais do colonialismo britânico no virar do século a Índia era tão-só a mais preciosa "jóia da coroa".

No virar do século reacende-se, nos dois lados do Atlântico, o interesse pelo mito da Atlântida. Embora não tenha cabimento aqui uma análise minuciosa das causas deste ressurgimento, interessa salientar alguns dos seus aspectos. Em primeiro lugar, a recuperação do mito coincide com um período de grande crise no Ocidente, de que a Grande Guerra é a expressão mais cruel e que Spiëngler sintetizou melhor que ninguém em *O declínio do Ocidente* (1919-1922); os pensadores ocidentais buscam, pressurosos, novas fontes de inspiração para reinventar a identidade do Ocidente como o centro do mundo. Em segundo lugar, há a preocupação de demonstrar — na geografia, na história ou na antropologia — afinidades, ou supostas afinidades culturais entre os vários continentes atlânticos, que não podem senão indiciar uma origem comum, porventura a antiga ilha "intermédia", cuja sociedade imperial

---

(14) A ênfase é minha.

de perfeição o Oceano um dia tragara; num livro avidamente lido por Crane, Lewis Spence mantinha por esta altura que só uma *ponte* sobre o Atlântico conjugaria a Europa e a América no cumprimento renovado do Ocidente (Spence, 1925:132). Finalmente, o regresso ao mito permite a recriação momentânea de um centro capaz de conter o ideal utópico de universal totalidade e harmonia, que os factos da história contemporânea se vão encarregando de estilhaçar.

Ao mesmo tempo, intelectuais de tendências mais pragmáticas estudam as possibilidades de real intercâmbio entre os dois lados do Atlântico com vista à renovação e ao progresso do Ocidente (que é como quem diz, com vista ao desenvolvimento do capitalismo). A esse diálogo se refere também Waldo Frank no Prefácio à edição americana de *Our America* (1919), um livro em que Crane leu com sofreguidão a ideia da América como uma última *esperança* do Ocidente<sup>(15)</sup>. O mesmo espírito preside a *The Re-Discovery of America* (1929), onde Frank defende a noção "pessoana" de que os descobridores do século XV se tinham limitado a descobrir o Oceano, "o sentido do todo" para sempre incitando o Ocidente a novas descobertas. Mas para a formulação pessoana da "alma atlântica", o pensamento que conduz à noção política de "atlantismo" no meado do século teria sido sem dúvida mais inspirador.

Logo desde o início do século XX se observa a conjugação de interesses políticos e económicos entre os Estados Unidos e a Europa que haveria de levar a propostas tão concretas como a NATO no período da guerra fria ou o "Grande Plano" de J. F. Kennedy para a criação de uma comunidade atlântica no início da década de sessenta. O veto de De Gaulle à proposta de Kennedy em 1963, longe de pôr em causa a ideologia da centralidade e supremacia do capitalismo ocidental, antes reflecte a luta pelo poder entre as nações do Atlântico pela herança imperial do Ocidente: por um lado, os Estados Unidos tentando conquistar a hegemonia mundial, por outro, a resistência de uma união europeia incipiente.<sup>(16)</sup> Mas o que urge sublinhar é que a ideia de uma comunidade

<sup>(15)</sup> Curiosamente, escrevendo dois séculos antes sobre *A queda do Império Romano*, Edward Gibbon aparece-nos hoje como a inspiração desta mesma esperança americana: "Se a vitória dos bárbaros levasse a desolação até ao Oceano Atlântico, milhares de barcos poriam a salvo os últimos vestígios da sociedade civilizada; e a Eur opa renasceria em prosperidade no mundo americano, onde abundam já as suas colónias e instituições" (Gibbon, 1981: 109).

<sup>(16)</sup> Sobre o atlantismo cf. Hahn/Pfaltzgraf, 1979; sobre o "Grand Design" de Kennedy, Kleiman, 1964. Para um antecedente desta insistência na importância política, económica e cultural do Oceano Atlântico, a que tanto Crane como Pessoa poderiam ter tido acesso, cf. Ballard 1923.

atlântica é concebida como um gesto de autodefesa para preservação dos valores ocidentais, mas também como uma redefinição da superioridade desses mesmos valores e uma reafirmação da suposta maior capacidade do Ocidente para promover o progresso humano e a paz universal. A verdade é que o confronto prolongado com culturas estranhas e povos muito diferentes, que nem sempre foi fácil menosprezar, mesmo de acordo com os critérios centrais, cedo fez sentir à hegemonia branca ocidental a necessidade de se preservar. Quando os primeiros sinais de descolonização começaram a ameaçar a intrincada rede mundial de relações económicas e políticas, idealizadas por Whitman de forma tão bela em "Passage to India", os pensadores políticos do Ocidente perceberam a necessidade de propor uma aliança atlântica capaz de manter a supremacia europeia num mundo cada vez mais perturbado pelo emergência de *outros* cada vez mais visíveis e cada vez mais poderosos. A questão da raça é também extremamente importante, agora mais do que nunca; basta lembrar que as discussões sobre o imperialismo no início do século eram largamente dominadas pelo desenvolvimento que Houston Stewart Chamberlain deu às doutrinas racistas de Gobineau. Além da proclamação arrogante da superioridade racial, uma outra forma de vencer o medo da diferença é, como se observa em Whitman e Pessoa, a absorção missionária do *outro* na suposta superioridade do *mesmo*. Uma outra, porventura mais subtil ainda, é reinventar o *outro* como ser "primitivo", ou "exótico", da perspectiva do "civilizado". Contudo, a "Civilização", seja no poema ou no tratado político, acaba sempre por ser o resultado final — a "ampla redondez" de uma totalidade perfeita, tão eloquentemente cantada por Whitman.

É que a ideia mesma da descoberta pressupõe um centro que de modo algum é acessível à descoberta, um centro, por assim dizer, que existe já sempre. Não há descoberta antes de o descobridor chegar, pois que é o descobridor quem, partindo do centro, traz consigo a própria descoberta. Pessoa sintetiza isto muito bem, quando diz que "nós" [o império português] descobrimos "a ideia de descoberta" (Pessoa, 1978:223). Basta lembrarmos o curso da história política e económica mundial do século XV em diante. À medida que o século XIX se aproxima do seu termo e começam a travar-se as guerras expansionistas — a guerra hispano-americana de 1898 e a guerra sul-africana de 1899-1902 —, não pode haver dúvidas sobre "o ideal" por que se luta. Quanto à Primeira Guerra Mundial, sabemos bem que *mundo* está em jogo.

E talvez pudessemos hoje especular que a Segunda Guerra Mundial teve de travar-se a fim de que a ideia mesma de um centro absoluto pudesse começar a desfazer-se.

O facto é que, pelo menos até à Segunda Grande Guerra, houve poetas e loucos (e talvez amantes, embora com conseqüências universais bem menores) que alimentaram vorazmente as suas imaginações da vocação totalizante de um Ocidente redefinido pela ideia do império moderno, de que as descobertas continuam a ser a imagem mais adequada.<sup>(17)</sup> O uso que Crane e Pessoa fazem desta imagem poética, bem como o que a imagem em si reflecte acerca da autodesignada centralidade totalizante do mundo ocidental, é o que vai ocupar-me no resto do meu trabalho.

Por volta de 1925, num apontamento que parece ter sido escrito para ajudar Eugene O'Neill a preparar a sua prometida introdução (que não chegou a escrever) para *White Buildings*, Crane faz algumas afirmações sobre a poesia, que é oportuno citar aqui (Crane, 1966: 217-223):<sup>(18)</sup>

Estou preocupado com o futuro da América (...) porque me sinto convencido de que estão para ser descobertas aqui certas qualidades espirituais por enquanto ainda por definir, talvez uma nova hierarquia da fé que não se desenvolverá tão bem em qualquer outra parte. E sinto-me como um factor potencial neste processo; é evidente que tenho de falar em função dele, e sejam quais forem as descobertas que eu venha a fazer situam-se no âmbito desta experiência.

E mais adiante:

A minha esperança é ir *através* dos materiais combinados do poema, usando o nosso mundo "real" um pouco como trampolim, e dar ao poema *como um todo* uma órbita própria ou uma direcção predeterminada própria. Gostaria de lhe dar o estatuto de tão independente da minha personalidade como de qualquer ocasional avaliação do leitor (...) Um poema assim é pelo menos uma punhalada na verdade, e como tal pode distinguir-se de outras espécies de poesia e merecer o epíteto de um "absoluto". O que quer que evoque não terá a ver com adorno ou divertimento, mas antes com um estado de consciência, uma

#### 4. A re-descoberta da América por Crane

125

<sup>(17)</sup> No momento em que os viajantes do nosso tempo ultrapassam as fronteiras do globo terrestre, o destino continua a ser o centro e a metáfora mantém a sua força; "Este é um oceano novo", exclamava Kennedy no início do projecto Apollo, "e é nele que os EU têm de navegar" (Mailer 1971: 9). A alusão a Shakespeare no início do parágrafo (*A Midsummer Night's Dream*, V, ii, 7-8) é outra forma (assumidamente abusiva, tal como o fecho desta nota) de sugerir a relação que este trabalho pretende estabelecer entre a poética modernista e o pensamento político, científico e filosófico, que é dominante na Europa desde o final do século XIX até ao meado do século XX. "The lunatic, the lover, and the poet, / Are of imagination all compact", disse Shakespeare; e eu penso: Hitler, Freud e o poeta modernista...

<sup>(18)</sup> Trata-se do escrito conhecido por "General Aims and Theories".

"inocência" (Blake) ou beleza absoluta. Assim se poderão descobrir sob formas novas certas iluminações espirituais, brilhando com uma moralidade essencial destilada directamente da experiência, e não de preceitos ou preconceitos prévios. É como se o poema deixasse ao leitor uma *palavra* única e nova, nunca antes proferida e impossível de enunciar realmente, mas tão evidente como um princípio activo na consciência do leitor a partir desse momento.

126

Estas reflexões são importantes sobretudo porque revelam o cuidado de Crane com a sua própria justificação enquanto poeta moderno por alturas da publicação de *White Buildings*. Mas é sabido que o apontamento em causa tem mais a ver com o tipo de poesia que passa a ser a preocupação de Crane depois de ter terminado "For the Marriage of Faustus and Helen" do que com os poemas incluídos no seu primeiro livro, com excepção justamente deste último. "Faustus & Helen" — essa *ponte* entre a experiência clássica e a experiência moderna, entre o mito e a realidade, entre o mito antigo e o mito-a-haver — deve aliás ser lido como a principal fonte de inspiração para a "síntese da América" que é a "epopeia da consciência moderna", já a fervilhar na sua mente (Crane 1965:223, 308). Nos excertos que citei acima a metáfora explícita da descoberta anuncia o uso mais subtil e complexo que Crane dela faz em *The Bridge*. A redescoberta da poesia que é a preocupação de Crane no segundo dos passos citados é paralela à redescoberta da América que é intenção de Crane, sem dúvida também sob influência de Waldo Frank, realizar em *The Bridge* e que o outro passo de resto prevê. Além disso, o cotejo destes dois passos, bem como a forma como a imagem das descobertas é aí contextualizada, muito nos ensina sobre a concepção de poesia do poeta moderno.

Independentemente dos seus próprios desafios à ortodoxia e ao "wastelandismo" eliótico, e independentemente da recepção pouco entusiástica que o seu poema da América haveria de receber dos seus amigos modernistas, Crane dá aqui, melhor do que muitos deles jamais o fizeram, uma voz sucinta e eloquente a alguns dos princípios mais influentes do "new criticism". A "lógica da metáfora" de Crane é a síntese perfeita do seu entendimento dos mais famosos conceitos da nova crítica americana, tais como a falácia da intenção, a heresia da paráfrase, o correlato objectivo, o organicismo poético, a especificidade ontológica e a atemporalidade da poesia, a poesia como verdade última, o poema como um heterocosmos e a poesia como um "absoluto" autotélico. Quer isto dizer que, também para Crane, a Poesia, escrita com P

grande, é aquele conceito abstracto e idealizante, a-histórico e universalizante, que a estética modernista herdou já do romantismo e que, tendendo a suspender diferenças e especificidades, facilmente se pode tornar responsável por formas várias de dominação cultural. Uma poesia concebida como uma verdade eterna, uma poesia concebida, pois, fora da história. Por que razão, nesse caso, é a história uma preocupação tão ostensiva e tão constante dos nossos poetas modernistas? Ocorrem imediatamente os nomes de Eliot, Pound, Williams; mas talvez Crane e Pessoa nos ajudem a melhor compreender este aspecto.

No que diz respeito a *The Bridge* e *Mensagem*, a história é, em larga medida, a história dos descobrimentos. Contudo, como nos diz a retórica perigosamente sedutora de Whitman na "passagem para (mais do que) a Índia", há muito que a viagem chegou ao seu termo, há muito que a história terminou. Uma vez realizado o mundo na centralidade redonda do descobridor viajante — uma centralidade perfeita sem periferia — a história justificar-se-á, repetindo-se inevitável e infinitamente na verdade sincrónica da utopia, seja ela mítica, como na Atlântida, política, como no atlantismo, ou poética, como na *Ponte* de Crane ou na *Mensagem* de Pessoa.

Crane concebeu *The Bridge*, é sabido, como uma "síntese" da América. A natureza peculiar desta síntese, que podemos de resto ter de entender menos como resumo sincrónico do que como inclusão diacrónica, deriva directamente do tropo de extensão de Whitman, como Lee Edelman recentemente demonstrou no seu magnífico estudo sobre o estilo catacrético de Crane (Edelman, 1987:179 s.). Logo a partir do início do Prefácio, a primeira edição de *Leaves of Grass* realiza de tal modo a identificação entre o poeta, o poema, a nação e a vocação da nação para se transformar no mundo inteiro, que no momento exacto em que diz "Eu me canto" o poeta está já a dar voz à sua visão da América como uma totalidade que é paralela da ideia do império. O paralelismo acentua-se e a visão ganha mais força à medida que Whitman vai dando largas ao seu "espírito atlântico" (diria Pessoa) nos seus poemas de travessia, de passagem, de descoberta e de saudação ao mundo-por-fim-cumprido. Esta visão de Whitman é explicitamente "reclamada" por Crane em "Cape Hatteras": "De novo a caminho" ["Afoot again"], diz ele, ecoando deliberadamente a proclamação whitmaniana de visão total em "Eis-me a caminho com a minha visão" ["I am afoot with my vision"] em "Song of Myself". A visão de Crane começa, assim,

necessariamente, onde ele pensa que a visão de Whitman acaba: na América, o Ocidente cumprido como o centro da descoberta ou da origem, o Ocidente cumprido como um símbolo da própria criatividade — ou da poesia. É este o “mito da América” de que Crane se ocupa em *The Bridge*. A tarefa que o poeta moderno americano a si próprio se atribui é desenvolver, ou “descobrir”, as “iluminações espirituais” e a “nova hierarquia da fé” que ele acredita serem a promessa renovada da América.

Crane escreve o seu poema ao longo da década de vinte, no momento em que os Estados Unidos rapidamente se transformam numa grande potência mundial, herdeira da supremacia imperial do Ocidente. O justificado receio de Crane é, porém, que a América venha a provar não ser “digna”, na sua incapacidade para reconciliar o progresso material e o poder político e económico com os valores espirituais (Crane, 1965:261). Por isso, quando no início do século XX o símbolo último da totalidade do mundo se torna cada vez mais difícil de apreender, o poeta do Ocidente aventura-se uma vez mais à velha travessia, entendida agora lucidamente como fruto apenas do seu muito imaginar, rumo ao derradeiro centro integrador. Na “palavra nova” de Crane, caberá ao poeta americano moderno (i. e., “do Ocidente”) erguer a *ponte* do sentido total ainda possível. O que *The Bridge* é, afinal, é “um acto de fé” (Crane, 1965:261). Fé na nação americana, sem dúvida, por mais perturbador o curso implacável da sua indústria e capital (a publicação do poema coincide com o início da Grande Depressão); mas fé, sobretudo, no potencial imaginativo e criador dos valores, símbolos e mitos ocidentais para, finalmente, se “redescobrir” a América como “o Ocidente”.

Durante a composição de *The Bridge*, Crane leu *O declínio do Ocidente* e deixou-se afectar profundamente pela visão pessimista de Spengler. Dir-se-ia até, a julgar pela sua correspondência com Waldo Frank, que esta leitura o espicaçou no sentido de reivindicar a tradição ocidental, desenrolando no seu poema, como ele próprio diz, “as meadas lindas [do] mito da América”. “É uma alvoroço”, continua ele na mesma carta, “descobrir subitamente como tanto do passado vive ainda, sob formas apenas ligeiramente alteradas, mesmo na maquinaria e coisas assim” (Crane, 1965:274). Por isso em *The Bridge* ele representa o papel de Colombo para tentar cumprir agora a tarefa que o grande almirante de Whitman sem saber deixara interrompida: ou seja, “trazer [consigo] o Grão Cataio”.

Que Hart Crane é capaz de manter o espírito crítico em relação ao mito que recria, observa-se na forma indeterminada e interrogativa como termina o poema: "Será o Grão Cataio [?]", pergunta-se ele no final de "Atlantis" (Crane, 1966:117), deixando assim momentaneamente suspensa a perfeição redonda da nova travessia do mundo que o seu poema pretende cumprir. Mas o gesto poético é ainda e sempre o gesto imperial da "tradução" do resto do mundo no "centro" de totalidade que é a imaginação do poeta do Ocidente. Ficamos, por isso, literalmente, na "Atlântida". No poema e na utopia, evidentemente, ou no poema *enquanto* utopia; contudo, a Atlântida leva-nos de regresso ao "Atlântico Norte" que os cabos da Ponte de Brooklyn "respiram" no início do "Proémio" (Crane, 1966:45), e então de novo nos encontramos no domínio do Ocidente, tanto da geografia, da economia e da política como do mito e da poesia: os Estados Unidos da América, a cidade de Nova Iorque, a Estátua da Liberdade, Wall Street, Brooklyn, a ponte-que-parece-uma-harpa-e-um altar sobre o East River — e as travessias de Whitman. Quando se sente chamado a "justificar" o Ocidente, como Whitman antes "justificara" a América, o poeta americano moderno traz consigo, tal como o poeta "digno desse nome" anunciado por Whitman, a dádiva do seu canto; mas as descobertas do Ocidente continuam a ser a sua principal fonte de inspiração; ao mesmo tempo, a sua concepção heterocósmica do poema continua a reflectir a ideologia de uma racionalidade, que, ao sentir a sua centralidade e o seu poder ameaçados, tende a negar a diferença e a diversidade, socorrendo-se das estratégias da extensão, da absorção e da inclusão. Em si próprio contido e no seu próprio acontecer suspensa a continuidade da história, o poema modernista ("new-critic") é um evento isolado, obra de arte que é a sua própria "justificação" e que a si própria se basta (Rich, 1986:180).

O comentário que acabo de fazer aplica-se talvez ainda melhor a Pessoa e à *Mensagem* do que a *The Bridge* de Crane. Poeta bilingue criado na Árica do Sul numa escola inglesa, Pessoa é afinal herdeiro, não de um, mas de dois impérios. Como demonstrei já noutra parte, a concepção da *Mensagem* deve muito à influência de Whitman, sobretudo no que diz respeito ao uso da metáfora das descobertas (Santos, 1988b). Na *Mensagem*, com efeito, o poeta restitui a aura, a glória e a beleza à ideia do Ocidente, ao mesmo tempo que lamenta a perda de um dos seus símbolos mais importantes, que é o império português ultramarino. É aliás interessante

## 5. O Quinto Império de Pessoa

que a perda do império parece mesmo ser a condição da recriação a que o poeta se dedica. Se cotejarmos o poema com alguns dos apontamentos sobre Portugal, como os que cito no início deste trabalho, será mais fácil de entender o sentido convergente do pensamento político e da imaginação poética de Pessoa. Em seu entender, o curso dos acontecimentos mundiais durante as primeiras décadas do século XX põe seriamente em causa a supremacia do Ocidente, cujas potências deixaram obviamente por cumprir a promessa da sua centralidade.

Em 1917, exactamente quando se travava a Primeira Grande Guerra, o heterónimo futurista de Pessoa, Álvaro de Campos, lançava contra os "mandarins da Europa" o seu verrinoso "Ultimatum" (Pessoa, 1980:111 s.), que nem por ser tão descabeladamente hilariante resultava menos feroz na sua real indignação. O ataque de Pessoa visa tanto os resquícios do poder imperial da Europa decadente, como as pretensões insolentes da América "bastarda". Trata-se, pois, de um libelo contra a civilização Ocidental, que não foi capaz de se aguentar, quer dizer, que não foi capaz de se *con-centrar*. O "Ultimatum" de Campos é, evidentemente, a resposta de Pessoa ao Ultimato Inglês de 1890, que forçara as tropas portuguesas a abandonar a zona conhecida pelo Mapa Cor-de-Rosa. As reacções dos portugueses foram apaixonadamente patrióticas (data, por exemplo, dessa altura "A Portuguesa"), e acabaram por levar também à queda da monarquia em 1910. Mas em 1917 era já mais do que problemática, pelo menos da perspectiva de Pessoa, a superior capacidade do governo republicano para defender os interesses portugueses na Europa e no mundo. Não têm conta as ironias do "Ultimatum" parodístico de Pessoa. Por um lado, o "Ultimatum" reflecte o ressentimento dos portugueses — a que a velha aliança luso-britânica acrescenta uma nota mais amarga — pela sua dependência impotente perante a ambição expansionista do império inglês. Por outro lado, acumulam-se, sem sombra de dúvida, os sinais da decadência do império do Ocidente, à medida que se vai tornando claro que a "superioridade" dos valores e das tradições ocidentais não tem afinal um "centro" inquestionável, antes denunciando os interesses político-económicos das nações desenvolvidas, bem como as suas lutas pela conquista do direito internacional à exploração indiscriminada do resto do mundo. Em 1917, quando decorria ainda a mais importante dessas lutas, os soldados portugueses combatem lealmente ao lado dos seus velhos aliados, ostensivamente no interesse do império português; mas Pessoa

percebeu decerto que a razão pela qual no fim da Primeira Grande Guerra Portugal mantinha ainda as suas colónias era que os verdadeiros poderes imperiais do Ocidente não chegaram a acordo sobre a melhor forma de as repartir para melhor as explorar (Hobsbawm, 1987:18).

É interessante lembrar que Pessoa foi talvez dos primeiros a defender a opinião de que, para o Portugal contemporâneo, as colónias eram mais um estorvo do que uma vantagem. A sua crença num futuro digno ainda possível para o seu país assenta na sua rejeição categórica do império colonial português como poderio material. Assim definido, o império é, para Pessoa, o “problema” nacional. Que Portugal nem sequer soube tirar partido do império, é sarcasmo que os portugueses acrescentam muitas vezes à sua costumeira autoflagelação, e pode ter algo a ver com o “problema” tal como Pessoa o entendia. Mas a sua denúncia do império português — “a que nos forçaram nossos Descobrimentos” (Pessoa, 1982:603) — tem mais que se lhe diga. Em vista do elitismo e aristocratismo de Pessoa, não é de supor que o perturbasse a ideia do domínio do mais “forte” sobre o mais “fraco”; o que ele julgava é que a real capacidade de domínio e de governo de Portugal, na sua impotência objectiva, não fora jamais correctamente entendida. De modo algum Pessoa põe em causa a ideia de um centro de ordem imperialista. Enquanto poeta do Ocidente — tão consciente de si, da sua tradição e da legitimidade da sua ambição, como da dependência política, militar e económica do seu país — o objectivo de Pessoa é reinventar a independência de Portugal em “termos espirituais”, assim devolvendo à nação a capacidade de influenciar e de dominar. A tarefa que se propõe na *Mensagem* é, pois, *re-presentar* as viagens dos descobrimentos portugueses como sendo o fundamento mesmo do último Império do Ocidente; todavia, a sua visão é, nos seus próprios termos, a de um “Império Espiritual”.

Na distinção pessoana entre o imperialismo material e o imperialismo espiritual, observa-se, por razões óbvias, uma espécie de correlação ou correspondência inversa: quanto mais poderosa e influente politicamente é a nação, menor é o seu potencial espiritual. Ou, na sua formulação quase hermética: “Só poderá realizar utilmente o Império Espiritual a nação que for pequena” (Pessoa, 1978:225). Assim se entende que o seu cuidado em sublinhar a “pequenez” de Portugal no sistema mundial não é senão o corolário do seu desejo de colocar a nação no mapa do mundo moderno, mediante a tradução do império português em *imperialismo espiritual*. Na

sua idealização, a língua e a poesia portuguesa têm uma missão universal a cumprir, verificando-se neste caso o paradoxo da mesma correspondência inversa: porque a poesia portuguesa realizou tão pouco até à data, mantém a imperitância pessoana, é agora "possível o fazer tudo, e como deve ser feito" (Pessoa 1978:239). Tudo? ou Poesia, com P grande? O que é verdade é que, quando se dispõe a imaginar o futuro de Portugal, o que lhe enche a imaginação é a poesia enquanto pura criatividade e infinita possibilidade:<sup>(19)</sup> "realizemos Apolo espiritualmente" (Pessoa, 1978:226), insiste ele; mas, por outro lado, a sua fonte de inspiração não é senão a ideia totalizante do império. E é bem sabido que, mesmo concebido em termos culturais, ou "espirituais", "um imperialismo", como o próprio poeta diria, "é sempre um imperialismo" (Pessoa, 1978:232).

As imagens e os símbolos que estruturam a *Mensagem* de Pessoa indicam claramente que o poema é, nos sentidos todos do termo, um poema imperial. Elegendo os descobrimentos como a sua metáfora fundadora e combinando os mitos do Sebastianismo e do Quinto Império, Pessoa executa na *Mensagem* a sua concepção do cumprimento possível de Portugal no mundo moderno. O Rei D. Sebastião encerra em si, simultaneamente, a decadência do império português e, no seu "regresso", a realização mesma do Quinto Império, que é, tal como Pessoa a recolhe de Vieira e do Bandarra, a derradeira utopia universal do Ocidente. Cumprir Portugal é, pois, realizar o "império espiritual" — ou a poesia. Como demonstrei já noutros lugares, a concepção e a construção da *Mensagem* sugerem claramente que o Quinto Império — que é sem dúvida a sua mensagem — não é senão o próprio poema, e que o poema de Pessoa assim se nos apresenta como o mais realizado dos heterocosmos modernistas (Santos, 1987, 1988b, 1988c). É que, tal como Crane em *The Bridge*, também Pessoa na *Mensagem* pega na mão de Whitman e, seguindo-lhe o "alto espírito atlântico" na sua ousada travessia para "mais do que a Índia" ("as Índias espirituais", seria a formulação do próprio Pessoa), reinventa-se como o poeta "verdadeiramente digno desse nome". Como já vimos, nos seus apontamentos *Sobre Portugal*, Pessoa relaciona as ideias de atlantismo e de imperialismo com as noções poéticas modernistas de *sensacionismo* e *interseccionismo*. Quer isto dizer que, quando fala de atlantismo, Pessoa está também a falar de poesia, como quando, em "A última nau", o sujeito

(19) Desenvolvo melhor esta ideia em Santos, 1987.

poético se define pela "alma atlântica" whitmaniana (Pessoa, 1981:16):

Ah, quanto mais ao povo a alma falta,  
 Mais a minha alma atlântica se exalta  
 E entorna,  
 E em mim, num mar que não tem tempo ou espaço,  
 Vejo entre a cerração teu vulto baço  
 Que torna.

A alma que falta ao povo é a alma que foi o fracasso do povo, ou seja, a ideia do império "material" para sempre estilhaçada na derrota e desaparecimento de D. Sebastião em Alcácer-Quibir em 1578. Mas o que é interessante, e em conformidade com a correlação inversa analisada acima, é que a alma transbordante do poeta surge como consequência da queda do império material, assim dando origem, como a rima bem sublinha, ao império espiritual simbolizado na ficção do regresso do Desejado. Mais do que isso, parece até que a ausência do império — no desaparecimento de D. Sebastião — teve de ser inventada para que o império pudesse ser re-imaginado na profecia da manhã de nevoeiro. Repare-se como, na segunda estrofe, a pergunta sobre a "ilha indescoberta" ("A que ilha indescoberta/Aportou?") torna problemática a própria ideia de descoberta e, sobretudo, a ideia de um império fundado numa descoberta que não é mais do que dominação; ao mesmo tempo, porém, é a metáfora dos descobrimentos que funda o poema, este poema em particular, mas também a *Mensagem* no seu todo. Ao mesmo tempo que traçam o sentido da decadência do império português — na elegia que a *Mensagem* afinal também é —, a travessia dos mares, os descobrimentos e a perfeição redonda da terra continuam a ser o símbolo whitmaniano da reinventada viagem "espiritual" para o último império do Ocidente — o Quinto Império — que é, na recriação poética de Pessoa do mito do regresso de D. Sebastião, o cumprimento de Portugal. Uma vez que, ao fazer coincidir a data do seu nascimento com a do profetizado regresso de D. Sebastião, Pessoa tinha já "demonstrado" que ele próprio é o Desejado,<sup>(20)</sup> não resta senão concluir que a *Mensagem* é o Quinto Império. E assim se cumpre, no poeta "digno desse nome", se não Portugal, decerto a "ficção de um absoluto". Seria difícil encontrar metáfora mais ousada para significar a poesia como uma totalidade ahistórica, ontologicamente contida em si e em si tudo contendo. ■

<sup>(20)</sup> Este ponto é minuciosamente estudado por Joel Serrão na sua "Introdução" a *Sobre Portugal* (Pessoa, 1978: 39-56).

## Referências Bibliográficas

134

- Aspiz, Harold 1984 "Walt Whitman: the Spermatic Imagination". *American Literature*, 56.
- Ballard, G. A. 1923 *America and the Atlantic*. London, Duskworth.
- Crane, Hart 1965 *The Letters*. Ed. Brom Weber. Berkeley, University of California Press.
- Crane, Hart 1966 *The Complete Poems and Selected Letters and Prose*. Ed. Brom Weber. New York, Anchor.
- Edelman, Lee 1987 *Transmemberment of Song: Hart Crane's anatomies of Rhetoric and Desire*. Stanford, Stanford University Press.
- Emerson, Ralph Waldo 1960 *Selections from Ralph Waldo Emerson: an Organic Anthology*. Boston, Riverside.
- Frank, Waldo 1919 *Our America*. New York, Boni and Liveright.
- Frank, Waldo 1929 *The Re-discovery of America: an Introduction to the Philosophy of American Life*. New York, Charles Scribners's Sons.
- Gibbon, Edward 1981 *The Decline and Fall of the Roman Empire*. Intr. Christopher Dawson. Vol. IV. London, Everyman.
- Hahn, Walter F.; Robert L. Pfaltzgraff 1979 *Atlantic Community in Crisis: a Redefinition of a Transatlantic Relationship*. New York, Pergamon Press.
- Hobsbawm, Eric 1987 *The Age of Empire: 1875-1914*. London, Weidenfeld and Nicolson.
- Kleiman, Robert 1964 *Atlantic Crisis: American Diplomacy Confronts a Ressurgent Europe*. New York, Norton.
- Lourenço, Eduardo 1973 *Pessoa Revisitado*. Porto, Inova.
- Lourenço, Eduardo 1977 "Walt Whitman e Pessoa". *Quaderni Portoghesi*, 2.
- Lourenço, Eduardo 1978 "Walt Whitman e Pessoa-II". *Litterature d'America*, Anno III, 14/15.
- Mailer, Norman 1971 *A Fire on the Moon*. London, Pan Books.
- Pearce, Roy Harvey 1962 *Whitman: a Collection of Critical Essays*. Englewood Cliffs, Prentice-Hall.
- Pessoa, Fernando 1978 *Sobre Portugal: introdução ao problema nacional*. Recolha de textos de Maria Isabel Rocheça e Maria Paula Morão. Intr. e org. de Joel Serrão. Lisboa, Ática.
- Pessoa, Fernando 1980 *Ultimatum e páginas de sociologia política*. Recolha de Textos de Maria Isabel Rocheça e Maria Paula Morão. Intr. e org. de Joel Serrão. Lisboa, Ática.
- Pessoa, Fernando 1981 *Obra poética*. Org. de Maria Aliete Galhoz. Intr. Nelly Novaes Coelho. Rio de Janeiro, Nova Aguilar.

- Pessoa, Fernando 1982 *Obras em prosa*. Org. Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro, Nova Aguilar.
- Pound, Ezra 1973 *Selected Prose: 1909-1965*. Intr. William Cookson. London, Faber.
- Ramage, Edwin S. 1978 *Atlantis: Fact or Fiction*. Bloomington, Indiana University Press.
- Rich, Adrienne 1986 *Blood, Bread, and Poetry: Selected Prose, 1979-1985*. New York, Norton.
- Rusk, Ralph L. 1967 *The Life of Ralph Waldo Emerson*. New York, Columbia University Press.
- Santos, M. Irene Ramalho de S. 1987 "An Imperialism of Poets: the Modernism of Hart Crane and Fernando Pessoa". Comunicação apresentada à American Studies Association Convention, Nova Iorque.
- Santos, M. Irene Ramalho de S. 1988a "Da poesia na América". Sep. de *Biblos*, 62.
- Santos, M. Irene Ramalho de S. 1988b "A ilha incontente: o atlantismo de Walt Whitman e Fernando Pessoa". Comunicação apresentada ao Encontro Internacional do Centenário de Fernando Pessoa, Lisboa.
- Santos, M. Irene Ramalho de S. 1988c "A hora do poeta: o Hyperion de Keats na Mensagem de Pessoa". Comunicação apresentada ao IV International Symposium on Fernando Pessoa, New Orleans.
- Santos, M. Irene Ramalho de S. 1989 "Atlantic Poets: the Discoveries as Metaphor and Ideology in Whitman, Crane, and Pessoa". Comunicação apresentada à American Studies Association Convention, Toronto.
- Spence, Lewis 1925 *Atlantis in America*. London, Ernest Benn.
- Stevens, Wallace 1968 *The Collected Poems*. New York, Knopf.
- Whitman, Walt 1973 *Leaves of Grass*. Ed. Sculley Bradley/Harold W. Blodgett. New York, Norton.